

OUR DAILY BREAD / 1934

(O Pão Nosso de Cada Dia)

um filme de King Vidor

Realização: King Vidor / **Argumento:** Elisabeth Hill, baseado numa história de King Vidor, inspirada por um artigo publicado, no "Reader's Digest", com diálogos adicionais de Joseph L. Mankiewicz / **Fotografia:** Robert Planck / **Som:** Russell Hanson e Vinton Vernon / **Música:** Alfred Newman / **Montagem:** Lloyd Nessler / **Interpretação:** Karen Morley (Mary Sims), Tom Keene (John Sims), John T. Qualen (Chris), Barbara Pepper (Sally), Addison Richards (Louie), Lloyd Ingraham ("Tio" Anthony), Alex Schumberg (o violinista), etc.

Produção: King Vidor e as "Viking Productions" para a United Artists / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, com legendas em português, 73 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 3 de Outubro de 1934 / **Estreia em Portugal:** Porto, em Fevereiro de 1936, e em Lisboa, no Coliseu, a 11 de Maio de 1936.

Our Daily Bread é um dos mais famosos, conhecidos e comentados filmes de King Vidor. Com **The Big Parade** (1925), **The Crowd** (1927) e **Hallelujah** (1928), faz parte do conjunto de obras incontestadas do grande realizador, em que críticos e historiadores de cinema, de todas as tendências, reconhecem unanimemente a genialidade. Há mesmo quem o considere o filme mais importante feito na América nos anos 30, ao arripio da imagem clássica de Hollywood, obra empenhada e directa, surpreendente "filme social", com conteúdo político abertamente interventor.

Na sua autobiografia (**A Tree is a Tree**, 1954) Vidor escreva sobre esta obra: "Os jovens não podem imaginar o que foi a crise americana no início dos anos 30, com o desemprego, a depressão e as marchas da fome. Decidi então retomar os dois protagonistas (John e Mary) de **The Crowd**, como um casal americano típico, vivendo esse difícil período. (...) Foi Chaplin quem apoiou o meu projecto e me fez assinar o contrato com a United Artists. Fui ter com um banqueiro. Quando este leu na "sinópsis" que um banco obrigava o "xerife" a leiloar a terra apesar da oposição dos trabalhadores, recusou-se a financiar o filme, como eu me recusei a cortar esse sequência, semelhante a muitas cenas que então aconteciam todos os dias nos Estados Unidos. Resolvi empenhar na produção e minha casa, o meu automóvel e todas as minhas economias para financiar um filme pouco dispendioso (150,000 dólares)."

Sem grande sucesso público, o filme teve um enorme êxito junto da crítica, sobretudo na Europa e, particularmente, na União Soviética, onde foi um dos primeiros filmes sonoros americanos a ser autorizado e onde ganhou – em pleno estalinismo – o segundo prémio do Festival de Moscovo. Em 1935, a Sociedade das Nações conferia igualmente um prémio especial a esta obra. Simultaneamente, era proibido na Alemanha e na Itália, sob a acusação de fazer propagando comunista, acusação também feita na América pelos jornais controlados pelo magnate Hearst.

Desde aí, uma certa lenda envolve este filme mítico: **Our Daily Bread** seria um dos raros, senão o único filme da América dos anos 30, a ter um conteúdo declaradamente esquerdista, não faltando ainda quem o aproximasse de muitas obras do cinema russo, citando influências de Eisenstein, Dovjenko, etc.

King Vidor nunca apoiou tais interpretações (“Em Moscovo, disseram que **Our Daily Bread** era um filme de propaganda. Nunca o concebi como tal. Fiz o que queria fazer. Mostrei aquilo em que acredito”) e, de facto, elas não resistem à visão de filme hoje. Se a obra conserva, inegavelmente, uma enorme força interventora, tal se deve ao génio de Vidor e à sua adequação a crenças elementares e nunca a conotações com ideologias de esquerda, que não existem. A sequência em que a comunidade discute a melhor forma de se governar (democracia, socialismo, ou escolha dum chefe) é, neste particular, bastante ilustrativa da ideologia de autor: pouco interessa a forma de governo, o que é preciso é que os homens se entendam e cooperem. Vidor – futuro autor da sátira à URSS chamada **Camarada X** – nada tem que ver, nem explícita nem implicitamente com teses marxistas. O seu universo ideológico é sobretudo marcado pelo cristianismo (através duma das suas seitas protestantes), como ainda bem o ilustram, neste filme, a sequência do “Padre Nosso” rezado pela comunidade, ou o tratamento dado à personagem Sally, equivalente do pecado. O que existe, sim, em Vidor (neste como noutros filmes), é um fundamental optimismo, a inabalável convicção de que o homem pode triunfar sempre, mesmo nas piores circunstâncias, temática igualmente cara a outros realizadores norte-americanos e, como bem notou Marcorelles, aos grandes romancistas dos anos 30, particularmente Sinclair Lewis e John Dos Passos.

Quanto à falada influência do cinema soviético, ela existe indubitavelmente, mas não no sentido em que habitualmente tem sido considerada. É muito mais Dovjenko do que Eisenstein quem marca Vidor, através das lições apreendidas também no mestre comum (Griffith) e na sua “silent music”. Se se observar com atenção a famosa sequência final (um dos grandes momentos da arte de Vidor) ver-se-á que nada está mais fora das teorias de montagem eisensteinianas ou de “colisão” dialéctica dos planos... É sobre o ritmo e a duração que essa sequência está calculada e não sobre articulações trabalhadas à mesa de montagem. Não há qualquer “simbolismo” ou distanciação, há sim a enorme comunhão com a terra, onde a câmara, (nos “plongées” ou “contra-plongées” que aproveitam os declives que antes vimos) está sempre solidamente implantada e um olhar universalista e panorâmico, que se serve dos planos de conjunto para melhor nos dar a intensidade da força que une os homens entre si (veja-se a espantosa festa final com o banho na lama e a explosão de alegria colectiva).

Espantoso coral, assente em meia dúzia de temas de grande simplicidade (a solidariedade entre os homens, o acordo com os elementos primordiais – e acentue-se o papel da água – o bem e o mal), **Our Daily Bread** é o filme dum homem que não duvida e cujo universo plástico desposa perfeitamente a elementaridade das suas convicções. É um admirável acto de fé, em que tudo está certo porque tudo encontra adequação: os homens entre si, os homens com a natureza, e a linguagem de Vidor com o universo que propõe. Nesta acepção, este sublime filme lírico e romântico, é incontestavelmente um dos maiores filmes clássicos que o cinema já nos deu.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico